

TERRAS INDÍGENAS

Cimi critica recuos nas demarcações

Indaiatuba (SP) — O presidente da Conselho Indigenista Missionário (Cimi), dom Aparecido José Dias, afirmou ontem, na 37ª Assembléia da Conferência Nacional dos Bispos (CNBB), em Indaiatuba (SP), que houve um retrocesso na política indígena do governo federal. Segundo ele, terras que já haviam sido demarcadas em várias regiões, tiveram o processo embargado pelo Ministério da Justiça. Segundo o religioso, o governo recuou e ampliou o prazo para eventuais contestações judiciais.

Dom Aparecido, que é bispo em Roraima (RR), disse que a situação está ocorrendo nas regiões dos Xucuru, em Pernambuco; Serra do Sol, em Roraima; e Baú, no Pará. Segundo o bispo, o governo do presidente Fernando Henrique estaria cedendo às pressões de setores que não estariam interessados na demarcação de terras, como madeiras, mineradoras e fazendeiros.

Para o presidente do Cimi, o caso de Xucuru, em Pernambuco, é um dos mais graves. Segundo o religioso, parentes do vice-presidente, Marco Maciel, que têm fazendas na área, seriam contra as demarcações. "Ouvi isso das pessoas que habitam o local", afirmou.

O secretário-adjunto do Cimi, Roberto Liebgott, revelou que em Xucuru, próximo a Pesqueira, no interior pernambucano, estava prevista a demarcação de 27 mil hectares. Na região, segundo Liebgott, vivem quatro povos indígenas, num total de 7,5 mil pessoas. Os índios dividem o espaço com pelo menos 80 fazendas.

Na serra do Sol, a área chega a 1,6 milhão de hectares, onde vivem 12 mil índios, enquanto na região de Baú, um milhão de hectares já poderiam ter sido demarcados.

COMEMORAÇÕES

Enquanto isso, em Brasília, uma banda formada por índios fulni-ô animou a comemoração do Dia do Índio, ontem, na sede da Fundação

Nehil Hamilton



Lars Grael aproveitou a presença dos índios em Brasília e foi conhecer a oca montada na Esplanada: manifestações e protestos por toda a cidade

Nacional do Índio (Funai), cantando músicas de grupos populares da cultura branca, como *É o Tchan*, *Terra Samba* e *Araketu*. As meninas Auiria e Seitawa, ambas com 11 anos, imitavam com perfeição a integrante do grupo *É o Tchan*, Carla Perez, e a atual dupla de dançarinas Sheila Carvalho e Sheila Melo. "Treinamos o dia inteiro. Só paramos para comer e descansar um pouco", contou o guitarrista Daia, 22 anos.

Filho de índia com branco, Agui-naldo Fulni-ô, acompanhante da banda, contou que estão à procura de empresários interessados em patrociná-los. Disse que alguns índios fulni-ôs já chegaram a tocar em bares na cidade para ganhar uns R\$ 30,00 por dia. Segundo ele, índios de sua tribo aproveitam a viagem a Brasília para apresentar-se em escolas e ganhar alimentos para levar para a reserva, em Pernambuco.

Além dos fulni-ôs, participaram

da festa índios xavante, caiapó e pankararu. O cacique Meikalô, da aldeia Ukre (caiapó), do Pará, foi cercado por alunos da escola pública da 415 Norte que queriam conferir, ao vivo, o que aprenderam nos livros, como uma menina de dez anos, que perguntou se ele vestia roupa como os brancos.

O cacique explicou que, por causa da convivência com o homem branco, os índios passaram a usar bermudas e chinelos, mas conti-

nuavam a pintar o corpo e a usar adereços, como os brincos de sementes que tinha nas orelhas.

O iatista Lars Grael, assessor do Ministério do Esporte e Turismo — que está em Brasília para participar de uma regata na quarta-feira —, aproveitou a presença dos índios e foi conhecer uma oca que eles construíram ao lado da Catedral, na Esplanada dos Ministérios.

■ Lei mais sobre índios no Caderno Cidades